



UJECML

EMERENTE NA LUTA CONTRA O ENSINO DA BURGUESIA

CAMARADAS:

Já todos nós nos apercebemos dos graves problemas que neste momento atingem a escola. Quando a maioria das aulas já tinham começado e outras se preparavam para começar, surge uma proposta do MEIC que visa a paralização do 5º ano dos Cívicos e de Sta. Maria, a instauração do *numerus clausus* dos 1.200 alunos do 1º ano só 600 poderão passar para o 2º, e destes só 300 chegarão ao ciclo clínico e um despacho que ordena o encerramento das aulas de anatomia.

Por outro lado, o MEIC continua sem dar qualquer solução aos candidatos a Medicina, e à sua justa luta pela entrada para a Faculdade.

Estas medidas, que vão contra o que já foi aprovado em reuniões da escola, quer o MEIC justificá-las com os argumentos de que há superlotação, que o ensino é de má qualidade e que são os estudantes quem vai prejudicar a assistência aos doentes.

Justificar estas medidas reacçãoárias com argumentos deste tipo, não é mais do que deitar poeira para os olhos dos estudantes, pois se a superlotação existe, a verdade é que nem o governo fascista de Salazar e Caetano, nem todos estes governos provisórios da burguesia se preocuparam em criar condições para o ensino noutros hospitais e por outro lado, não é de modo nenhum a superlotação, a causa de nós sermos maus médicos. A superlotação é uma praga que acompanhará até ao fim a máquina podre da sociedade capitalista... Sem planificação estabelecida cientificamente, os governos burgueses acabam sistematicamente por passar a vida a pôr remédios que, por sua vez, destapam outros buracos e assim por diante: para impedir a superlotação do Ensino Superior tentam instaurar o *numerus clausus* no ciclo clínico que, por sua vez irá congestionar o ciclo básico e, mesmo limitando o acesso a este levar-se-há a superlotação para outro nível: o dos que, com o diploma do Ensino Secundário na mão, não encontram colocação nem perspectivas de futuro.

Não é como pretende este governo burguês, aumentando o número de aulas, que nós viríamos a ser bons médicos, médicos que sirvam realmente para tratar as doenças de que sofre o povo português. Por mais aulas que os estudantes tenham a questão fundamental não deixa de estar no que lhes ensinam, como lho ensinam e para quê.

Na nossa sociedade dividida em exploradores e explorados, a Medicina não constitui uma excepção e também ela está ao serviço da classe dominante, isto é, da burguesia. Assim ao relegar as responsabilidades da má assistência para cima dos estudantes, o governo visa esconder a verdadeira razão das miseráveis condições de saúde que o nosso povo tem e virá-lo contra nós.

Ao sair com estas medidas numa altura de aproximação das férias em que, demagogicamente só se visam alguns anos, o MEIC joga na nossa desmobilização e divisão, para assim enfraquecer a nossa luta e mais facilmente as impôr.

O aumento da selecção, por um lado impede a maioria dos estudantes de acabar o curso, desviando para as chamadas para-médicas, por outro lado, visando que os poucos que chegam a ser médicos já deram

provas de não contestar nem o tipo de ensino nem o tipo de medicina, nem todas as injustiças desta sociedade capitalista e de serem fieis defensores da ideologia corrupta da burguesia.

A formação técnica dessa elite de médicos, pretende o MEIC assegurar através do aumento do número de horas de aulas, do aumento do número de camas por estudante.

De que serve isto se nós continuamos a aprender as doenças raras, enquanto passamos por cima das doenças mais comuns?

De que serve isto se continuamos a ver a doença como um facto isolado do contexto social em que vive e trabalha o doente?

Os estudantes de Medicina aquando da concentração ao MEIC mostravam já a sua determinação de lutar intransigentemente contra o ensino da burguesia, contra as medidas reaccionárias do MEIC e ali na rua, discutindo uns com os outros, em contacto com a população conseguiram ganhar uma maior consciência da força da sua unidade, da necessidade de se organizarem e dos objectivos porque lutavam.

Mas não foi só o MEIC que tentou enfraquecer a nossa luta. Os social-fascistas ao dizerem que estas medidas são uma aberração saída da cabeça do Brotas, e ao canalizar a solução do problema para o inquérito a fazer aos hospitais e enquanto os estudantes lutavam na rua contra o ensino da burguesia, procurando amarrar a luta ao rasteirismo pedagógico, para que não se avançasse para objectivos políticos superiores e para que não se pusesse em causa o próprio governo, onde também eles estão a negociar os seus lugares.

Além disso, embora reconhecendo em palavras que a nossa luta só seria vitoriosa se tivesse como base a forte união dos estudantes pretendiam, nos corredores do MEIC, de mãos dadas com o representante do Governo, dividir os estudantes do 1º ano dos restantes, com o argumento de que o problema do 5º ano era diferente do de Anatomia, como se não fizessem ambos parte do mesmo objectivo que a burguesia tenta impedir ao funcionamento da nossa escola. Desmascarados perante as massas, não conseguiram que as suas atabalhoadas desculpas de última hora enganassem os estudantes presentes, que aí manifestaram sem margem para dúvidas a sua repulsa por mais essa evidente prova de carácter traidor, divisionista e anti-estudantil dos social-fascistas, conseguindo que os estudantes do 1º ano estivessem presentes, junto com os do 4º, 5º e 6º nas conversações que se desenrolaram.

A Célula de Medicina da UJECML aponta claramente aos estudantes, como forma de luta contra a selecção burguesa, neste momento, a entrada imediata de todos os estudantes candidatos a Medicina e a sua integração nas RGAs e AGEs, contra a paralização do 5º ano, pelo começo das aulas 4º ano e nos H. Civis. Estes objectivos só serão alcançados através da organização dos estudantes nas suas estruturas associativas, sob uma direcção única, revolucionária, que congregue as largas massas de estudantes, quer sejam de Sta. Maria, dos Civis ou do Campo Santana. De facto, a divisão dos estudantes por várias AEs e vários Hospitais não impediu que esta luta tenha vindo a ser travada em comum, que cada vez mais os estudantes reconheçam a necessidade se unirem em torno dos objectivos revolucionários do Ensino ao Serviço do Povo, de escorraçarem fascistas e social-fascistas, que são o pior inimigo do seu movimento revolucionário.

Mas camaradas, a luta dos estudantes contra o ensino da burguesia, por um ensino ao serviço do povo, só será vitoriosa se se ligar à luta mais geral do povo, pela construção duma sociedade justa.

Chame a todos os estudantes unirem-se em torno da linha revolucionária defendida pela UJECML, e ao lado dos operários e camponeses, sob a direcção da vanguarda da classe operária, engrossar o caudal dos que lutam pela Revolução Democrática Popular, pelo Socialismo e pelo Comunismo!

CONTRA O ENSINO DA BURGUESIA! POR UM ENSINO AO SERVIÇO DO POVO!

Célula de Medicina da UJECML

